



DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MARIA DA CONCEIÇÃO DE CARVALHO

UM OLHAR SOBRE *UBIRAJARA*, DE JOSÉ DE ALENCAR

GUARABIRA – PB

2014

MARIA DA CONCEIÇÃO DE CARVALHO

UM OLHAR SOBRE *UBIRAJARA*, DE JOSÉ DE ALENCAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador(a): Prof^a. Doutora Rosângela Neres

C331o Carvalho, Maria Da Conceição de
Um olhar sobre Ubirajara, de José de Alencar [manuscrito] : /
Maria da Conceição de Carvalho. - 2014.
15 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento de
Letras".

1. Narrativa ficcional. 2. Literatura brasileira. 3. José de
Alencar. I. Título.

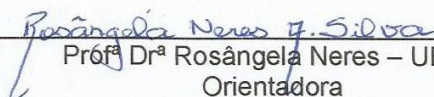
21. ed. CDD B869.3

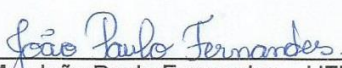
MARIA DA CONCEIÇÃO DE CARVALHO

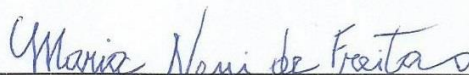
UM OLHAR SOBRE *UBIRAJARA*, DE JOSÉ DE ALENCAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovado em 07 de março de 2014


Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres – UEPB
Orientadora


Prof. M.^s João Paulo Fernandes – UFPB
Examinador


Prof.^a Dr.^a Maria Neni de Freitas – UEPB
Examinadora

UM OLHAR SOBRE *UBIRAJARA*, DE JOSÉ DE ALENCAR

CARVALHO, Maria da Conceição de¹

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a representação do índio no romance *Ubirajara*, de José de Alencar, procurando refletir acerca dos elementos que contribuem para a desmistificação do indígena selvagem, desprovido de qualquer racionalidade e sentimentos. Enfatizando, nesse caso, aspectos físicos e psicológicos que o caracterizam na obra. Neste estudo, reconhecemos que o autor, através de uma narrativa ficcional, procura desconstruir a ideia de indígenas alienados, brutos e insensíveis. Utilizando como suporte teórico Bosi (2008), Candido (2004), Perrone-Moises (2006), entre outros, que nos possibilitem mostrar que por trás dos personagens, o autor procura enaltecer as riquezas nacionais e o povo brasileiro, contribuindo para a construção de uma identidade nacional, sem que suas ideias sejam reprimidas ou censuradas.

Palavras-chave: Narrativa ficcional. Índio. José de Alencar.

1 INTRODUÇÃO

A literatura assume um papel importantíssimo na sociedade, pois através da sua linguagem, ela procura representar o real, partindo do imaginário, de modo a suprir necessidades e anseios do mundo ao nosso redor, como afirma Perrone-Moises (2006, p.104), “De todas as práticas de que podemos valer-nos para refazer o real, com a ajuda da imaginação, a que aqui nos ocupa é a literária, isto é a reconstrução do mundo pelas palavras”.

Esse trecho nos mostra a importância da Literatura, que de certo modo evidencia seu caráter libertador de uma realidade insatisfatória ao nosso redor, suprimindo de alguma forma as falhas e faltas do mundo real. Ao mesmo tempo fazer tais afirmações em que a literatura assume um papel compensatório e que as

¹ Formanda em Letras no período 2013.2, sob orientação da Prof^a. Doutora Rosângela Neres. E-mail: maria.carvalho.10@hotmail.com

narrativas nos trazem um mundo mais feliz e mais belo que o real, é uma forma de dizer que a literatura é considerada como filtro representativo da sociedade, reafirmado por Perrone-Moises (2006, p. 104) “Mas dizer que a obra literária compensa assim, positivamente, as falhas do mundo real levar-nos-ia a uma visão idílica da literatura”.

Esta mesma literatura nos faz ter uma percepção diferente do mundo que nos cerca, ajudando-nos a expandir nosso intelecto e visão do mundo que nos rodeia, como afirma Candido (2004, p. 175) que, “Nas nossas sociedades, a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e efetivo”. Esse trecho nos mostra com evidência a importância que a Literatura tem na vida tanto intelectual quanto pessoal, pois ela se mostra como libertadora e reveladora daquilo que gostaríamos que fosse a nossa realidade, sendo de suma importância para a formação cultural do mundo em que vivemos.

Diante disso, fica explícito a importância dos romances indianistas de José de Alencar, em um momento onde a busca pela identidade nacional era idealizada, em que o Índio vem a ser a base da formação do povo brasileiro, reforçando o nacionalismo romântico e, neste sentido, reconstruir a imagem do Índio, era fundamental para resgatar o espírito de brasilidade. O escritor defende o Índio e sua cultura, e resgatando valores maiores como: lealdade, a honra, a fidelidade, a bravura, e desmistifica a imagem que o índio é um ser bruto, mostrando, que ele é um ser que ama e que sofre.

Na obra “Ubirajara”, selecionada para análise são narradas as aventuras de um jovem índio que possui todos os atributos de um herói nacional, levando a nós leitores uma percepção diferente da que possuíamos historicamente, de que o índio nada mais era que um “selvagem” que habitava no Brasil antes dos colonizadores.

O romance “Ubirajara” foi importantíssimo para o fechamento do conjunto das obras indianistas de José de Alencar, pois veio elucidar o ciclo após “O Guarani” e “Iracema.” Assim, a história do “senhor da lança” mostra uma terra selvagem, com sua pureza ainda não profanada pela presença do branco invasor. É um Brasil pré-cabralino, ao passo que “O Guarani” e “Iracema” já revelam o contato com a cultura branca europeia (D. Antônio, Ceci, Martim) e suas consequências.

Os primeiros cronistas, entre eles Pero Vaz de Caminha mostram, equivocadamente, um índio sem fé, nem lei, como se não tivesse cultura, somente

porque não era ainda seguidor da cultura cristã europeia. Essa desvalorização da cultura do habitante primitivo desta nossa terra é questionada por Alencar no prólogo intitulado Advertência. Diz o autor:

Este livro é irmão de Iracema. Chamei-lhe lenda como ao outro. Nenhum título responde melhor pela propriedade, como pela modéstia, às tradições da pátria indígena. Quem por desfastio percorrer estas páginas, se não tiver estudado com alma brasileira o berço de nossa nacionalidade, há de estranhar entre outras coisas a magnanimidade que ressumbra no drama selvagem a formar-lhe o vigoroso relevo. (ALENCAR, 2013, p. 2).

Diante desse contexto, focamos nossas atenções no personagem principal da obra, o jovem índio Ubirajara, que busca a todo o momento ser reconhecido como herói e bravo guerreiro que luta, ama e sofre, levando-nos de uma forma subtendida a desmistificar a antiga imagem do índio como ser bruto e irracional que historicamente nos foi mostrado.

Percebemos que na narrativa existe uma contextualização entre a ficção e a realidade, em um país que até os dias de hoje existe uma constante busca e idealização do herói nacional, e que através dos séculos o índio foi marginalizado e posto como um ser que estava sempre em submissão ao homem branco e colonizador. Dessa forma, esta é uma realidade que a literatura nos faz refletir até os dias de hoje, corroborado por Candido (1996, p. 70), que “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”.

Através dessa leitura da obra Ubirajara, de José de Alencar, percebemos os fatos que ultrapassam o imaginário e nos faz refletir sobre nossa realidade nacional, e a forma como foi construída e idealizada a identidade nacional.

(...) a literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles. É aí que se situa a literatura social, na qual pensamos quase exclusivamente quando se trata de uma realidade tão política e humanitária quanto a dos direitos humanos, que partem de uma análise do universo social e procuram ratificar as suas iniquidades. (CANDIDO, 2004, p.175).

Partindo dessas premissas, conseguimos notar que através da literatura compreendemos a importância de que reconheçamos a fundo a realidade que nos cerca e a partir disto tomarmos posições diante da sociedade, politicamente e de forma humanizada, possamos nos tornar agentes de uma sociedade pensante, e

possível de questionar alguns aspectos impostos, socialmente, que nos cercam. E como propomos em nosso trabalho, traremos a seguir algumas questões pertinentes no que dizem respeito às abordagens teórico-analíticas da obra delimitada como objeto de análise.

2 PECULIARIDADES DA NARRATIVA FICCIONAL

Quando se pensa em narrativa, imaginamos uma trama, envolvendo enredo, personagens, tempo e espaço, todos em um mesmo conjunto harmônico de ideias que se fixam em uma mesma história. Ao analisarmos um romance compreendemos que o autor usa e dispõe de uma amplitude e liberdade para criar, inventar, não só com os elementos do real e suas memórias, mas também utilizando do imaginável e irreal. Tais elementos são frutos da criação do autor “narrador”, através de representações do bem e do mal.

(...) O narrador cria, segundo o seu desejo, representações do bem, representações do mal ou representações ambivalentes. Graças à exploração das técnicas do foco narrativo, o romancista poderá levar ao primeiro plano do texto ficcional toda uma fenomenologia de resistência do eu aos valores ou antivalores do meio. (BOSI, 2008, p. 121).

O romancista explora todas as técnicas do foco narrativo, para através dele poder expor uma resistência do *eu*, aos valores do meio que o cerca, sejam eles bons ou maus. Segundo Bosi (2008, p.122): “Dá-se assim uma subjetivação intensa do fenômeno ético da resistência, o que é a figura moderna do herói antigo.” Tais afirmações nos levam a crer que a criação de um herói, parte primeiro de uma resistência, a acontecimentos que não são de boa ética, que influenciam o meio em que vivem, buscando na figura do herói, um agente que combate os antivalores de uma sociedade.

Todos os elementos componentes de uma narrativa interagem entre si, e são uma forma de expor e discutir as problemáticas sociais e as condições de um determinado ambiente, onde os personagens interligam-se aos mesmos ideais propostos pelo autor, como afirma Antonio Candido:

Quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha de seu

destino, traçada conforme uma certa direção temporal, referida a determinadas condições do ambiente. (CANDIDO, 1996, p. 53).

Em uma narrativa mesmo que ficcional, existem nos personagens traços de semelhança, ou elementos verossímeis que aproximam o real ao fictício/ imaginário, para tais representações encontramos os personagens fictícios, que seria uma manifestação dos seres humanos no romance. Encontramos na obra alencariana, personagens que por suas características, representam os primeiros habitantes da época. Esses personagens são classificados como personagens de costume como, afirma Antonio Candido:

As “personagens de costumes” são, portanto, apresentados por meio de traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados; por meio, em suma, de tudo aquilo que os distingue visto de fora. Estes traços são fixados de uma vez para sempre, e cada vez que a personagem surge na ação, basta invocar um deles. (CANDIDO, 1996, p. 61).

Não sendo diferente em *Ubirajara*, o narrador inicia a composição do romance pela construção da personagem, caracterizada a partir dos elementos da natureza. O cenário segue os padrões românticos, é utilizado para descrever o herói: “pela margem do grande rio caminha Jaguarê o jovem caçador [...] Nenhum guerreiro brandiu jamais essa arma terrível, que sua mão primeiro fabricou”. (ALENCAR, 2013, p. 3-4). Essas características do personagem ficam marcadas, e toda vez que o mesmo é citado, lembramos dessas primeiras impressões.

A obra é narrada em terceira pessoa, por um narrador onisciente, que vai compondo um rico painel de costumes da sociedade indígena. Esse narrador se mostra como todo poderoso, que possui o controle dos acontecimentos, de acordo com as passagens do livro:

O rugido do jaguar abala a floresta; mas o caçador também despreza o jaguar, que já cansou de vencer.
Ele se chama-se Jaguarê, o mais feroz jaguar da floresta; os outros fogem espavoridos quando de longe o pressentem.
Não é esse o inimigo que procura, porem outro mais terrível para vencê-lo em combate de morte e ganhar nome de guerra. (ALENCAR, 2013, p. 3).

O tempo é cronológico e remonta a ação do século XV, o que pode ser determinado pela ausência do colonizador no Brasil. A ação se desenvolve às margens dos rios Araguaia e Tocantins. A narrativa apresenta a natureza selvagem

como espaço privilegiado, com a maior parte das ações na região interior e selvagem de um país ainda primitivo. Por meio de adjetivações, a paisagem mostrase, sempre ser exuberante e grandiosa. Também não faltam ao texto as referências aos costumes dos índios, assim como os ornamentos usados por eles. “*A copa frondosa ramalhou, como as palmas do coqueiro ao sopro do vento, e o tronco gemeu até a raiz. [...] Guerreiro Araguaia, pois vejo pela pena vermelha de teu cocar (...)*” (ALENCAR, 2013, p. 4).

Os recursos poéticos na prosa indianista de Alencar, inspirados na pureza e grandiosidade inquestionáveis da natureza, transferem para suas personagens essas mesmas qualidades, e nós leitores, assumimos o papel contemplativo e admiradores deste espelhamento mútuo entre homem e natureza, em um Brasil ainda primitivo.

3 O ROMANCE INDIANISTA

A prosa de ficção surgiu no Brasil por meio de um gênero literário, o romance. Ganhou ênfase e consistência a partir da entrada do escritor cearense José de Alencar, no cenário literário brasileiro, e para compreendermos a sua importância é necessário entender o papel social que a literatura exercia naquela época, tendo em vista a inexistência da televisão e de alguns recursos midiáticos dos dias de hoje, romance este que ocupava o espaço no mundo irreal e imaginário das pessoas, que passaram a acompanhar as aventuras dos personagens romancistas. Alencar foi de extrema importância para o cenário literário nacional, e suas obras influenciaram bastante para que fosse definido um estilo literário nacional.

Situado em um momento em que todos os esforços estavam voltados para a formação de uma identidade nacional, em que o espírito brasileiro se concentrava na consolidação de sua autonomia, tanto em aspectos políticos quanto intelectuais e culturais. Tratava-se de um momento de ansia para formar e afirmar a identidade brasileira, Alencar tomou para si esse papel no âmbito literário, seus romances apresentavam aspectos em que se ressaltava, e exaltava as virtudes naturais do país e de seu povo.

A formação do Brasil Nação-Estado, realizada por obra de uma classe privilegiada, a burguesia latifundiária em um sistema agroexportador e

escravista, foi o carro-chefe que regeu os projetos de constituir uma cultura nacional, uma literatura nacional, uma arte nacional etc. (BOSI, 2008, p. 12).

Nesta passagem fica evidenciada a importância que a Literatura viria exercer, para o fortalecimento do Brasil enquanto nação e ex-colônia, e do projeto sólido de uma identidade nacional. Nossa análise será direcionada à obra *“Ubirajara”*, na qual procuramos focar e contextualizar nossa leitura, analisando especificamente as características que o autor ressalta, na personalidade heroica do personagem Ubirajara, índio que irá representar este papel de herói nacional, narrando o momento anterior ao da chegada do conquistador branco, período que os indígenas dominavam o solo nacional.

No decorrer da narrativa o leitor passa a admirar o jovem índio herói, que luta pela sua honra, e pela conquista de seu grande amor. Podemos nos deslumbrar por descrições perfeitas e com riquezas de detalhes do cenário natural do nosso país, e contendo as particularidades dos costumes indígenas. Um dos grandes exemplos é a descrição da honra feminina, na imagem da índia em que a descrição feminina é perfeita, e ressalta os valores da mulher indígena, como a virgindade, preservada para o esposo.

A faculdade dominante do romancista era, para o crítico, a imaginação. Saindo a cata de documentos do passado colonial, Alencar os teria manipulado para fantasiar as suas personagens, idealizando o heroico masculino e o grácil feminino à luz de uma ideologia passadista, tudo orquestrado ao som da natureza americana. (BOSI, 2008, p.18).

Bosi afirma que José de Alencar, foi ídolo de juventude de um dos maiores críticos literários Araripe Jr., e o mesmo dedicou um perfil literário em uma monografia dedicada ao mesmo, por tais atributos na construção de suas obras indianistas. Nesta obra ficam claros os esforços do autor em construir uma identidade nacional, a partir da construção de imagens, autor de uma figura heroica e mítica de Ubirajara, quanto às descrições das paisagens e cenários naturais de nosso país.

4 UM OLHAR SOBRE “UBIRAJARA”, O ÍNDIO

Já no início da obra, o escritor José de Alencar, nos traz descrições detalhadas do ambiente, e as principais características do jovem índio, caçador que viria ao decorrer da obra construir uma personalidade de herói mítico e guerreiro. Também nos mostra vários elementos peculiares, com uma extrema singeleza e riqueza de detalhes do cenário natural, da época; marcando os traços na personalidade do índio que nos remete a um clima de aventura, e ao mesmo tempo nos mostra um protagonista humanizado, compondo assim a personalidade do índio guerreiro, destacado por Bosi “(...) No mesmo ensaio, diz Machado que os motivos indígenas, poeticamente trabalhados por Gonçalves Dias e José de Alencar, são um legado tão brasileiro como universal.” (BOSI, 2008, p. 12).

Tais características ajudam a formar o perfil heroico do jovem índio e, dessa forma, em um plano geral da obra é constante a hierarquia, entre dominador e dominado (Ubirajara é o dominador, e os animais ferozes e a floresta são os dominados). Também possuía traços de um grande guerreiro que empunhava as armas como nenhum outro, isso lhe rendeu outro nome *Senhor da lança*. “(...) *Nenhum guerreiro brandiu jamais essa arma terrível, que sua mão primeiro fabricou*”. (ALENCAR, 2013, p. 3).

No início da narrativa, começamos a compreender a magnitude do jovem Ubirajara. Mas para ele não bastava ser um grande caçador, que fabrica sua arma e que não teme até os mais ferozes animais da floresta. Isso já não o contenta mais e ele sai em busca de suas conquistas gloriosas que o tornariam um grande herói. Alencar, assim descreve: “*Jaguarê [Ubirajara] chegou a idade em que o mancebo troca a fama de caçador pela glória do guerreiro*”. (ALENCAR, 2013, p. 3). Nessa passagem podemos compreender o perfil psicológico e heroico do índio que prefere correr os riscos, e resolve encarar vários desafios para retornar a sua tribo como grande e vitorioso guerreiro.

Durante toda a narrativa é descrita as aventuras do jovem da tribo Araguaia, que sai em busca de um grande lutador a quem possa combater, até chegar a uma vitória gloriosa. Todos os acontecimentos do romance vêm a reforçar as características magníficas de um grande herói, e tudo nele é confirmação de quem

possui um instinto vital, de quem possui um instinto dominador, que vence e supera todos os conflitos, que ele mesmo se põe a descobrir.

De acordo com o ideário romântico, Ubirajara possuía as características que reforçam a ideia, de que além de um grande guerreiro, prevaleciam também em sua personalidade conceitos de cavalheirismo, honra e amor.

Para uma íntegra composição moral e psicológica do personagem principal, acontece o surgimento da mulher na obra, e é de extrema importância, pois vem a realçar, a postura sensível e afetuosa, e ao mesmo tempo firme do herói, este momento vem surpreender e provocar uma ruptura no clima guerreiro, em que se encontra a narrativa. *“Seu olhar ardente voou, sôfrego de encontro com o inimigo que lhe tardava. Avistando uma mulher, a alegria do mancebo apagou-se no rosto sombrio”*. (ALENCAR, 2013, p. 4).

A virgem Araci, da nação dos Tocantins, surge em um momento, que todos os olhos estão voltados às façanhas de Jaguarê [Ubirajara], e provoca uma quebra na imagem de índio selvagem, daí podemos observar traços “civilizados” em um índio guerreiro, que além das glórias, sai em busca do seu amor. E na justa medida o par amoroso, compõe a narrativa, para dar um equilíbrio harmônico dentro do texto, reforçando o caráter moral e psicológico do protagonista.

A descrição da feminilidade, na obra, é justificada quando: *“A liga vermelha que cingia a perna esbelta da estrangeira dizia que nenhum guerreiro jamais possuía a virgem formosa.”* (ALENCAR, 2013, p. 4). Beleza e virgindade passam a compor uma atmosfera de pureza, definida com precisão, e serão estas características que acompanharão Araci por toda a obra, um exemplo de castidade, cuja honra é guardar-se para o único que a conquistará, dentre os demais. E mesmo atraído pela jovem índia, Jaguarê [Ubirajara] não cede aos seus encantos, apesar do mútuo interesse e envolvimento de ambos. E mesmo sendo necessário o amor na vida do homem, fica evidenciada pelo narrador por intermédio do herói, a clareza de que nada irá se sobrepor aos interesses heroicos de sua nação.

Não filha do sol; Jaguarê não deixou a taba de seus pais onde Jandira lhe guarda o seio de esposa, para ser escravo da virgem. Ele vem combater e ganhar um nome de guerra que encha de orgulho a sua nação. Torna a taba dos Tocantins e diz aos cem guerreiros cativos de teu amor, que Jaguarê, o mais destemido dos caçadores araguaia, os desafia ao combate. (ALENCAR, 2013, p. 5).

Essa fala de Ubirajara, subsequente ao pedido amoroso de Araci, para lutar por ela contra os índios de sua tribo, revela que o maior objetivo do índio era transformar-se em um grande guerreiro, e nada poderia se interpor no seu caminho. Encher sua nação de orgulho era seu grande propósito e que estava determinado a cumprir seu destino, e se tornar um herói nacional. Essas peculiaridades do índio desmistificam a imagem histórica, de que nossos habitantes primitivos eram seres brutos e selvagens, desprovidos de valores éticos e morais.

Percebemos que o jovem guerreiro, possui as características humanísticas, e todos os predicados de um verdadeiro herói. Por isso, o narrador interrompe o clima amoroso que se inicia, para retomar o ambiente de combate, fundamental para a aclamação do nome de guerreiro que Jaguarê tanto buscava.

É um guerreiro Tocantins. De longe avistou Jaguarê e reconheceu o penacho vermelho dos araguaia. As duas nações não estão em guerra; mas sem quebra da fé pode um guerreiro, cansado do longo repouso, oferecer a outro guerreiro combate leal. (ALENCAR, 2013, p. 5).

O trecho em destaque refere-se à Pojucã, contra quem combate Ubirajara, ele é o grande lutador de sua nação, é este que ele vence, após longo e árduo combate. O personagem do jovem índio vai se compondo na figura de um grande herói épico, que não teme a morte, pois se esta for gloriosa, e se dela depender o orgulho e o destino de sua nação: “(...) *Terás a gloria de ser morto pelo mais valente guerreiro tocantim. Os cantores de meus feitos lembrarão teu nome; e todos os mancebos de tua nação invejarão tua sorte.*” (ALENCAR, 2003, p. 5). O araguaia vence o combate, e demonstra ao longo do romance, a importância em ser sempre o primeiro, e esta característica é abordada ao longo da narrativa.

No transcorrer dos acontecimentos, observamos a fidelidade dos índios, qualidades como a honra, a tradição surgem de forma ascendente no romance, e o autor não poupa adjetivos na construção das imagens que reforcem esses ideais, e atributos dos indígenas, como a hospitalidade, na recepção encontrada por Ubirajara na tribo de Araci. “*Era este o costume herdado de seus maiores; que o hóspede mandava na taba aonde Tupã os conduzia.*” (ALENCAR, 2013, p. 19).

Para a consolidação do personagem heroico, o protagonista também se mostra como cavalheiro e homem honrado que respeita a mulher amada, e

diferentemente do momento em que o índio resiste a sua amada Araci, dando prioridade ao título de guerra, agora ele vai buscá-la para constituir uma família. Ubirajara simboliza o modelo de homem romântico:

[...] - Grande chefe dos Tocantins, Jurandir [Ubirajara] não veio a tua cabana para receber a hospitalidade; veio para servir ao pai de Araci, a formosa virgem, a quem escolheu para esposa. Permite que ele a mereça por sua constância no trabalho, e que a dispute aos outros guerreiros pela força de seu braço. (ALENCAR, 2013, p. 26).

Em toda a obra alencariana são traçadas as características de um herói nacional, grande guerreiro, homem romântico, que luta e respeita a mulher amada, trazendo à tona as particularidades da personalidade de um exímio lutador, e que além de guerreiro possui muitas virtudes, como: lealdade, fidelidade, honra e humildade, homem que luta, e combate por seus ideais, diferente da imagem de um ser bruto e irracional que foi construída durante os séculos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a Literatura é um instrumento importante na sociedade, pois ela representa o real que parte do imaginário, e através da leitura do romance *Ubirajara* de José de Alencar, podemos refletir, segundo as perspectivas do autor, em sua tentativa de reconstrução da identidade brasileira.

Nesse contexto, fizemos uma análise do personagem Ubirajara, relacionando com o momento e época, aos registros heroicos do personagem. Observamos através da representação do protagonista do romance, que o autor faz uma busca do reconhecimento de seu heroísmo, sem esquecer os traços humanizados e/ou civilizadores do mesmo, que nos levassem a desmistificar a imagem selvagem que os indígenas possuíam historicamente. Vimos índios que amam, lutam por sua honra, dignidade e por seus ideais.

É importante destacar que a busca por uma identidade nacional, ficcionalmente criada por Alencar, elucida elementos caracterizadores que desmitificam a imagem em volta do índio, trazendo novas perspectivas de como se constrói a ideia de honra e dignidade dentro de um grupo.

Dessa forma, esperamos ter contribuído, mesmo que timidamente, com o campo das pesquisas acadêmicas, trazendo nosso olhar acerca do herói construído

por José de Alencar, autor que deu voz aos primeiros habitantes do território brasileiro, além de estabelecer a nossa identidade cultural, pela Literatura.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the representation of Indians in the novel *Ubirajara*, José de Alencar, tries to understand the elements that contribute to the demystification of wild Indian, devoid of any rationality and feelings. Emphasizing this case, physical and psychological aspects that characterize the work. In this study, we laud the author, through a fictional narrative seeks to deconstruct the idea of alienated indigenous crude and insensitive. Using as Bosi (2008), Candido (2004), Perrone-Moises (2006), among others, to enable us to show that behind the characters, the author seeks to exalt the national wealth and the Brazilian people, contributing to the construction of theoretical support a national identity, without which their ideas are repressed or censored.

Keywords: Fictional narrative. Indian. José de Alencar.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José. **Ubirajara**. Belém: NEAD, 2013.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CANDIDO, Antonio. [et al]. **A personagem de ficção**. 9ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

_____. **Vários escritos**. 4ª ed. São Paulo: Duas cidades, 2004.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da Escrivantina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.